

Saindo do Tubo: a Representação da Cientista na Série *The Big Bang Theory*¹

Manuella Valença CORREIA²

Thiago SOARES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Diante da desigualdade histórica que o gênero feminino enfrenta na carreira científica, torna-se essencial a busca por soluções que incentivem as meninas a buscarem uma vida profissional na área. A mídia, nesse contexto, tem um papel essencial como potencial de mudança, por ser elemento formador da representação da cientista no imaginário da opinião pública. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar alguns casos dessas representações, imersas no seriado americano *The Big Bang Theory*. Partindo dos conceitos de representação (MOSCOVICI, 2003), da crítica diagnóstica (KELLNER, 2001) e de outros estudos de pesquisadores da cultura da mídia, serão analisados alguns episódios da produção e suas personagens cientistas: Bernadette, Amy e Leslie.

Palavras-chave: representação; cientista; mulher; séries; gênero

Introdução

Durante o período de 2009 a 2014, segundo a ONU⁴, meninas, pais e ativistas sofreram agressões por lutar pelo direito à educação das mulheres em, no mínimo, 70 países do mundo. Com o acesso tardio e sob luta ao ensino básico, as mulheres foram historicamente um público afastado e desvalorizado no mundo acadêmico e em especial pelas áreas científicas. A minoritária presença feminina nos laboratórios e anais científicos acabou tornando-se atualidade e previsão de um futuro de inequidade de gênero na área: a falta de modelos (os *role models*) em quem as meninas pudessem se ver e inspirar faz dessa situação um ciclo longe de ter fim.

As diversas mídias entram nesse processo como uma importante variável, podendo contribuir tanto para a continuidade desse ciclo quanto para sua desestabilização. Filmes, séries e livros são exemplos de objetos que moldam parte do imaginário dos indivíduos sobre representações dos diversos rótulos da sociedade. O psicólogo social Serge Moscovici já constataria o poder de impacto que têm essas

¹ Trabalho apresentado II 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: manuella.valenca@gmail.com. Artigo realizado para a disciplina de Sociologia da Comunicação, sob a orientação do professor Dr. Thiago Soares.

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação da UFPE

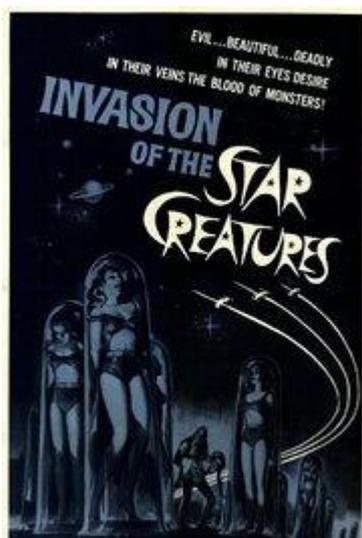
⁴ Dados retirados de: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=50032#.WJc3aX9f3dh>

representações. Segundo ele, essas imagens construídas passam a constituir realidades que integram o perfil da opinião pública em forma de discurso da atualidade, tornando-se parte do senso-comum (MORIGI, 2004).

Dessa forma, torna-se essencial a análise da representação da cientista nos produtos midiáticos, afinal é neles onde pode se encontrar os indícios de como ela é vista pela sociedade. Mas, além disso, e talvez mais importante como potencial de mudança da desigualdade atual na ciência, é lembrar que é no imagético da população sobre a cientista onde se encontram indícios dos produtos midiáticos. É uma via de mão dupla que precisa ser cuidadosamente analisada para uma recepção mais crítica dos materiais da mídia e uma consequente melhora na representação das cientistas em futuras produções.

Historicamente, a representação da cientista na ficção carregou diversos estereótipos problemáticos em seus personagens - isso quando ela era existente. No gênero da ficção científica, onde a representação da profissão é mais recorrente, as mulheres passaram anos tendo seu espaço limitado em cabines de vidro, fosse como experimentos científicos ou como vítimas a serem salvas⁵. A imagem da mulher dentro de tubos tornou-se recorrente em capas de histórias em quadrinhos (HQs) e em filmes do gênero, como pode ser visto no exemplo da Figura 1. Isso reforçava a ideia de que as mulheres seriam indivíduos indefesos, passivos e dependentes - dos cientistas, nesse caso, esses sim mantenedores do conhecimento e da conduta ativa capaz de dar segmento às tramas.

Figura 1 – Pôster do filme *Invasion of the Star Creatures* (1962)



⁵ Mais sobre o assunto: <https://medium.com/@alinevalek/a-ficcao-cientifica-e-a-estranha-tara-por-mulheres-em-tubos-ec654884d7cf#.b9mcbbbkc>

Fonte: IMDb (<http://www.imdb.com/title/tt0128274/>)

Os filmes e séries da década de 2010 têm os seus avanços ao retratar as cientistas em suas histórias. Um desses pontos foi a aparição delas em gêneros além da ficção científica, como é o caso da comédia de sitcom na série americana *The Big Bang Theory*, material que será analisado no presente artigo. Ao apresentar cientistas em situações mais cotidianas, as produções abrem espaço para uma maior proximidade dessas personagens ao público, questionando o status de uma carreira longínqua e inalcançável - principalmente nos casos das ciências “duras”, as STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*).

Contudo, como já previsto pelo filósofo Douglas Kellner em *A Cultura da mídia*, um mesmo material midiático pode trazer símbolos característicos de forças dominantes e de resistência ao pensamento hegemônico (KELLNER, 2001). Nesse caso, apesar das produções audiovisuais mais recentes terem seus avanços em uma maior participação da cientista na trama, são recorrentes também estereótipos que em nada inspiram novas cientistas em potencial. Assim, à luz do conceito de crítica diagnóstica de Kellner, será analisada nesse artigo a dualidade das representações das cientistas na série *The Big Bang Theory*: tanto em relação ao progresso da mulher passiva em tubos de vidro das ficções científicas, quanto nas limitações ainda presentes na construção dessas personagens, marcadas por novos clichês negativos.

O material a ser analisado: *The Big Bang Theory*

Produzida pela rede estadunidense *Columbia Broadcasting Service (CBS)*, *The Big Bang Theory* é uma série de comédia no estilo *sitcom* que popularizou-se bastante nos últimos anos. A produção está no ar desde 2007 até hoje, com um total de 277 episódios de 22 minutos distribuídos em 12 temporadas⁶.

O roteiro da série conta o dia a dia de Leonard e Sheldon, dois físicos do Instituto de Tecnologia da Califórnia (CalTech). Esses personagens são excelentes no desenvolvimento de seus trabalhos, mas são recorrentemente desafiados por situações sociais diversas - quando são taxados como “estranhos” - foco do humor em diversas histórias da série. A dinâmica da produção tem início quando Penny, uma garçonete e aspirante a atriz, torna-se vizinha de apartamento dos dois físicos, gerando uma

⁶ Informações do site <http://www.adorocinema.com/series/serie-3247/>

mudança na vida dos personagens. Leonard logo torna-se atraído por Penny e vê nela uma possibilidade para a mudança de suas dificuldades de interação social, enquanto Sheldon a vê por muito tempo como um empecilho na sua rotina bem estabelecida e programada. O incômodo de Sheldon é ainda maior quando outros dois amigos próximos, Howard e Rajesh (Raj), apoiam Leonard.

Ao longo da série, os personagens tornam-se cada vez mais próximos e enfrentam diversos dilemas da vida adulta comuns de comédias de sitcom, muitos deles relacionados a relacionamentos amorosos. E é dentro dessa temática que entram, na terceira temporada, outras duas personagens protagonistas na trama: Amy e Bernadette, sendo a primeira uma neurocientista, e a segunda, uma microbiologista. Essas duas personagens singulares serão analisadas nesse artigo, por suas carreiras e participações no desenvolvimento da trama.

Há também uma terceira cientista, Leslie Winkle - também inserida na história através de um relacionamento amoroso com Leonard - que participa de alguns diálogos que envolvem sua profissão, apesar de ter menor inserção na série. Sua ciência de atuação, a física, é uma área em que a participação feminina tem uma grande disparidade para a maioria masculina, o que torna ela outra personagem interessante a ser abordada neste trabalho.

Referencial Teórico

Para tornar mais embasada a análise da série quanto a representação de cientistas - e para interpretar seus resultados partindo do contexto em que essa produção é atualmente veiculada -, esse artigo parte do concatenamento das ideias de alguns pesquisadores que realizaram trabalhos na área e de teóricos relacionados à sociologia da comunicação. Dois deles têm uma maior expressividade nesse trabalho, o filósofo Douglas Kellner e o psicólogo social Serge Moscovici.

Moscovici é fundamental para um direcionamento inicial nessa temática, que é realizado a partir de suas ideias sobre representações sociais. É com elas que o pesquisador fornece um norte de onde estão localizados pontos problemáticos que levam a uma continuidade na desigualdade de gênero na ciência, o que desemboca nos produtos da mídia.

Partindo de um dos focos da desigualdade, a escolha da carreira, percebe-se que diversos fatores influenciam os indivíduos nessa etapa. A *ScienceGrrl*, organização do

Reino Unido que celebra e suporta a mulher na ciência, apresentou um interessante relatório, intitulado *Through both eyes*⁷ (tradução próxima de “Através dos dois olhos”). Nele, são apresentadas três perguntas básicas questionadas pelas meninas antes de decidir por carreiras científicas:

- É algo para pessoas como eu?
- Eu me sinto preparada quanto às habilidades necessárias?
- Eu vejo caminhos que posso construir na área?

Quando satisfeitas com as respostas, elas normalmente seguem a profissão.

O fator importante a se analisar aqui é onde os jovens buscam essas respostas, e de que forma isso influencia na baixa taxa de respostas positivas a elas. É nesse ponto que o psicólogo social Moscovici tem o seu protagonismo.

Para tentar se ver na profissão, saber se tem as habilidades necessárias e, principalmente, se há espaço para desenvolvimento da carreira, é natural acessar a imagem de cientista que há em nosso imaginário. E o que compõe essa entidade são exatamente as representações sociais descritas por Moscovici, construídas através dos diversos meios midiáticos.

Segundo o pesquisador, “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2003, p. 54). Ou seja, aplicando no caso discutido, é possível dizer que é acessando essas representações que as jovens poderão mensurar, dentre as possibilidades da imagem de cientistas naturais a ela, casos de sucesso e que a inspiram para iniciar carreira na profissão.

Contudo, o que historicamente vem sendo mostrado nos materiais midiáticos, isso quando apresentam cientistas do gênero feminino, foram imagens de cientistas estereotipadas e que não tinham papéis de muita importância para as resoluções dos problemas da história, como será exemplificado no próximo capítulo de Metodologia e Análise. Sem representações positivas, as respostas das três perguntas básicas citadas anteriormente tendem cada vez mais ao “Não”.

Há de se lembrar, porém, que esse cenário de construção da imagem da cientista mulher não é tão caótico. Moscovici já constataria que essas representações “adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2003, p. 41). E se elas naturalmente já têm esse fluxo, em tempos de um

⁷ http://sciencegrrl.co.uk/assets/SCIENCE-GRRL-Stem-Report_FINAL_WEBLINKS-1.pdf

capitalismo informacional, as representações se esfacelam e renascem com uma facilidade ainda maior.

Assim, torna-se essencial identificar essas nuances na imagem da cientista mulher nos produtos midiáticos, a fim de propor uma leitura mais crítica desses materiais e uma conseqüente produção em que essa seja melhor representada. Nesse sentido, as ideias do pesquisador Douglas Kellner apresentam contribuições essenciais para uma análise prudente de materiais midiáticos, principalmente através de seu conceito de crítica diagnóstica. É através dele que vai ser possível destrinchar a série *The Big Bang Theory*, pontuando os seus avanços e retrocessos quanto a imagem da cientista.

Em seu livro “A cultura da Mídia”, Kellner constata a realidade da maioria das produções audiovisuais que representam mulheres cientistas na área de STEM: a dualidade da apresentação de forças de resistência e do poder hegemônico em um mesmo material. Apesar de estarem apresentando mais mulheres em posições de importância, é possível ver nesses mesmos produtos novos estereótipos nas cientistas.

No gênero da ficção científica, por exemplo, algumas produções apresentam personagens enquadradas no termo *Sci-Candy*⁸. Essa imagem constitui-se de uma cientista que é, geralmente, bem mais jovem do que sua formação possibilita, e, apesar de ter habilidades científicas que não destoam dos outros pesquisadores do gênero masculino, ainda ganham grande foco na trama através do apelo do visual.

Kellner também sugere em seu livro uma forma de analisar melhor essa dualidade, utilizando uma variedade de pontos de vista – um olhar multiperspectívico (KELLNER, 2001). Com base nisso, a crítica diagnóstica sugere um análise com embasamento também no contexto sociopolítico de produção do filme e na época em que se passa a história. Ao utilizar diversas correntes teóricas como ferramentas, cada uma terá um objetivo mais apropriado de seu uso: utilizando-as juntas (o multiperspectivismo) pode-se construir uma análise mais complexa e firme.

“História para ler os textos, e os textos para ler a história” (KELLNER, 2001, p. 153). Essa citação representa um dos principais motes da análise idealizada por Kellner, que pretende visualizar os produtos de mídia tão próximos à realidade quanto eles, na verdade, são.

⁸ Mais sobre: <http://thescienceandentertainmentlab.com/rise-of-the-women/>

Assim, será dado seguimento no próximo capítulo à análise da série *The Big Bang Theory*, no que tange às representações das personagens femininas cientistas. Aos moldes da crítica diagnóstica, serão destacados os avanços e estanques dessas imagens quando colocadas no cenário de outras produções audiovisuais e no contexto de desigualdade de gênero atual.

Metodologia e análise

Para guiar uma análise conectada ao contexto da desigualdade na ciência atual, será feito o uso dos já citados três questionamentos que levam à escolha da carreira científica do relatório do *ScienceGrrl*, lembrando: É algo para pessoas como eu?; eu me sinto preparada quanto às habilidades necessárias?; eu vejo caminhos que posso construir na área?

Além deles, o conceito de *Gender Lens* (lentes de gênero), proposto pela UNESCO, também será bastante útil para a construção de alguns conhecimentos a partir da análise de diálogos que rondam três cientistas da série (Bernadette, Any e Leslie). Algumas teóricas da cultura da mídia também fazem suas aparições ao longo das análises, de modo a embasar e desenvolver melhor as reflexões aqui postas.

The Big Bang Theory (TBBT) se apresenta como um ponto fora da curva do cenário geral da produção de séries. Como constata a pesquisadora de mídias de massa Jocelyn Steinke, poucos são os exemplos de materiais da mídia nesse estilo que representam cientistas no gênero da comédia, e ainda com os índices de audiência recordes registrados da série (STEINKE, 2010). Segundo a pesquisadora, apenas dois casos podem ser comparáveis: *Friends* e *Os Simpsons*, mas nesses, as cientistas não tem tanta participação na trama, são aparições episódicas - enquanto em TBBT, duas das três cientistas a serem analisadas viram protagonistas depois de suas primeiras aparições: Bernadette e Amy.

A inserção de Bernadette na série ocorre no episódio 5 da primeira temporada. Por causa de um pacto realizado com Howard, Leonard tinha se assegurado a arrumar uma namorada para seu amigo caso ele começasse um relacionamento amoroso, o que acontece com Penny. É no encontro com Howard que Bernadette é apresentada como uma microbiologista - que não entendia tão fáceis comentários humorísticos de Howard. Os dois continuam a se ver e iniciam seu relacionamento.

“Eu me sinto preparada quanto às habilidades necessárias?”

Em um episódio em especial, retratado no início do namoro do casal, é possível visualizar duas histórias que têm uma certa influência nesse questionamento acima.

No episódio 10 da terceira temporada, Bernadette e Leonard engajam em uma conversa sobre o trabalho que ele está desenvolvendo em física. Bernadette se mostra muito interessada na área, que ela já havia pensado em seguir antes da microbiologia, e Leonard a convida para conhecer o acelerador de partículas que estava utilizando nesse trabalho. Bernadette logo descobre que Howard havia ficado com ciúmes. Ao ser questionado por sua namorada, Howard diz que ele pode “ter citado [a Leonard] que não é muito certo convidar as namoradas dos seus amigos para ver seus experimentos sem falar com o namorado antes”. Howard preferia que Bernadette não conhecesse o experimento de Leonard por causa de seu sentimento de ameaça em relação a outros homens, fato posteriormente declarado por ele. Felizmente, no final do episódio, Howard reconhece o seu erro.

Essa foi uma situação que traz um pouco do comportamento de Bernadette ao longo da série, que sai da postura passiva que Howard queria inicialmente impor a ela para evidenciar o comportamento irracional de seu namorado.

Em uma história paralela no mesmo episódio, Sheldon apresenta seu “Projeto Gorila”: a ação em que ele se dispõe a ensinar física a Penny para que ela pudesse entender a pesquisa de Leonard, seu namorado. Apesar de Penny não ser cientista, essas cenas têm um impacto importante na reflexão sobre se sentir ou não segura quanto às habilidades necessárias para a carreira científica.

Sheldon define como um dos maiores desafios de sua carreira na ciência, ensinar física à Penny. A situação pode ser melhor analisada quando se lembra esse comportamento de Sheldon é repetido com outros cientistas - e seres humanos, em geral, não cabendo uma análise particular da questão de gênero nessa relação. Mas quando isso é somado às outras situações em que Penny é apresentada ao longo da série, percebe-se que é recorrente evidenciar, ao mesmo tempo, o seu apelo sexual e a inexistência de habilidades latentes para o mundo acadêmico.

As duas situações impactam de forma negativa a questão do relatório *ScienceGrml* em análise, sobre a confiança nas habilidades necessárias à escolha pela ciência. No primeiro caso, Howard acredita, no início do episódio, que deveria haver, antes da cientista conhecer o trabalho de outro, a permissão de seu namorado, o que

acaba minimizando o interesse científico que Bernadette possuía em prol de uma imagem dela como objeto de desejo. No caso de Penny, o modo como ela é apresentada pode acostumar um público não tão atento, que recebe essas imagens e caem em uma errônea correlação entre beleza física e falta de habilidades de raciocínio, em geral.

Contudo, há de se lembrar que a postura de contestação de Bernadette diante de um ponto problematizado não a isenta a personagem de outras influências negativas. Ao considerar algumas imagens das cientistas tediosamente repetidas por filmes, Heather McIntosh percebeu que em Bernadette poderia ser visto um pouco da “*naïve expert*” - especialista ingênua (MCINTOSH, 2014).

O termo é emprestado da pesquisadora Eva Flicker, que ao analisar a representação de cientistas em alguns filmes de ficção do século XX, identificou seis imagens recorrentes nas telas, sendo elas: *the old maid* (a velha mulher), *the male woman* (a mulher masculina), *the evil plotter* (a conspiradora má), *the daughter or assistant* (a filha ou assistente), *the lonely heroine* (a heroína só) e *the naïve expert* (FLICKER, 2003). Essa última será melhor descrita adiante.

De acordo com Flicker, a *naïve expert* seria o tipo de cientista que tem pouca relevância no âmbito científico do filme, mas na dramaturgia, é uma personagem crucial. É uma mulher atraente, jovem, tem uma carreira brilhante, mas sua ingenuidade e emoções femininas levam ela a situações de dificuldade ao longo da produção - e só a ajuda de um homem a tiraria dessas dificuldades.

Em algumas situações, Bernadette se adequa bastante nessa imagem, principalmente no que se refere à pouca relevância nas discussões científicas da série. Como profissional, ela é recorrentemente apresentada como alguém que não parece ter muita noção da importância de algumas regras de proteção individual e coletiva no laboratório. McIntosh lembra dois exemplos em que isso acontece: uma promessa de dedinhos com colegas que ela iria cruzar o vírus ebola com o vírus da gripe e, em outro momento, ao ter perdido um evento importante por estar em quarentena depois de beber em placas de petri contaminadas. Além de influenciar bastante a noção da confiança nas habilidades necessárias, esses exemplos têm uma expressão negativa também na terceira questão, sobre a visibilidade de caminhos interessantes a serem construídos.

“Eu vejo caminhos que posso construir na área?”

A cientista Amy já apresenta uma representação (um pouco) menos problemático. Interpretada pela atriz Mayim Bialik, única cientista do elenco que exerce a profissão fora das telas, Amy tem uma importância científica maior na trama se comparada à Bernadette. A neurocientista também entra no grupo de amigos através de relacionamentos amorosos - esse, dessa vez, com Sheldon. Assim como ele, Amy apresenta um comportamento social considerado estranho, tendo com Sheldon alguns dos poucos diálogos da série em que ele se apresentava cientificamente questionado.

O envolvimento científico de Amy é muito mais apresentado na trama, se comparado com o caso de Bernadette. Além da contribuição em diálogos mais diários, Amy tem também, recorrentemente, publicações de artigos, saídas com outros cientistas de sua área e outros eventos da área científica que aparecem na trama por causa de seus trabalhos. Bernadette, por outro lado, tem pouquíssimas vezes seu trabalho mencionado e, em um exemplo de grande conquista de sua carreira, quando ela recebeu o título de PhD, o foco do episódio era como Howard estava se sentindo com sua mulher em uma posição de importância e em um emprego em que ganhava uma boa quantia de dinheiro.

Dessa forma, pode-se perceber que em ambas as personagens é possível identificar alguns avanços na representação da imagem da cientista, isso através de ferramentas de análise de estudos feministas recentes. Contudo, há de se lembrar que elas ainda fazem parte de um produto midiático, e como tal, tem em si o discurso público heterogêneo de poderes hegemônicos e de resistência.

Ao seguir as ideias amplamente disseminadas pela Escola de Frankfurt, a cultura se apresenta como uma mercadoria que tem um mínimo denominador comum para agradar seu público e, assim, ter o retorno financeiro (KELLNER, 2001). Esse fato diminui o desenvolvimento de episódios mais "ousados" em que as cientistas tivessem um impacto ainda maior na trama: afinal, é um ato que vai de encontro com o modo de construir essa personagem até agora desenvolvido. É nesse ponto que a série volta a utilizar-se de estereótipos - encontrado em filmes do século XX - para representar suas cientistas.

Um outro ponto interessante que precisa ser citado é a área da ciência que essas personagens atuam. Sendo uma na neurologia e outra em microbiologia, ambas estão presentes nas ciências médicas e biológicas, áreas em que a mulher ainda tem mais inserção se comparadas às ciências "duras" STEM. Para se ter uma ideia, no Reino Unido, um dos países que com mundo acadêmico mais destacado, as mulheres são

apenas 13% das ocupações classificadas como STEM e 20% das estudantes em cursos de física - número que não muda há 20 anos, segundo o relatório da *ScienceGrll*.

“É algo para pessoas como eu?”

TBBT apresenta uma outra personagem cientista que tem uma representação bastante positiva: Leslie Winkles. Diferente de Amy e Bernadette, ela foi uma personagem que não entrou na vida dos cientistas como possíveis parceiras amorosas, mas porque trabalhava como física no mesmo laboratório que Leonard.

Ela faz sua primeira aparição no episódio 5 da primeira temporada, quando participa um ensaio do coro do laboratório na casa de Leonard - e ambos terminam tendo relacionamentos sexuais. A física é representada de uma forma bastante positiva no episódio: suas habilidades na área têm diversas aparições no diálogo. Em um desses, Leslie conserta as equações de Sheldon que estavam em um quadro na sala, fazendo com que o problema científico que ele estava lidando fosse resolvido. Sheldon discretamente gosta da resolução, porém a questiona por ter mexido em sua lousa sem sua autorização: “eu não entro na sua casa e mexo na sua!”. Leslie prontamente responde que na dela não há equações erradas.

Infelizmente, Leslie não tem outras aparições de importância até o momento na série, mas em suas histórias episódicas, ela apresentou-se como uma cientista altamente habilidosa - desafiando Sheldon, sempre muito certo de seus conhecimentos - e sem cair em um estereótipo em que para esse sucesso acadêmico, ela precisasse de uma aparência masculina, o que iria levar ao “male woman” de Flicker. Se considerarmos os outros termos postos pela pesquisadora, Leslie poderia se adequar muito bem à positiva imagem de lonely heroine: uma mulher com habilidades científicas de destaque em suas pesquisas sem que isso influencie negativamente em outras áreas de sua vida: relações sexuais e trabalho científico não se apresentam mutuamente (FLICKER, 2003).

Assim, ela torna-se alguém em quem jovens meninas podem olhar e se ver numa possível futura carreira, indo de encontro com outras representações negativas a que são apresentadas em outros materiais midiáticos.

Resultados finais e Conclusão

A prática das *gender lens* idealizada pela UNESCO é um bom ponto para finalizar essa discussão. As “lentes de gênero” podem ser vistas como o ato de colocar

um óculos. Em uma das lentes, é possível ver a participação, necessidades e realidades da mulher. Já na outra lente, deve-se imaginar a participação, necessidades e realidades do homem. A visão completa será a combinação do que é visto com ambos os olhos (UNESCO, 2009).

Em *The Big Bang Theory*, é possível encontrar personagens cientistas de ambos os gêneros circulando em uma mesma trama, o que tornou possível uma análise de cada lente, já que ambos se encontram mais ou menos no mesmo contexto. Assim, esperar-se-ia uma representação relativamente equivalente - não fosse a desigualdade de gênero na área.

Como demonstrado através das análises das personagens, essa diferença de gênero traz certas nuances no modo como nelas se enxergam a carreira científica. Através de Amy e Bernadette, foi possível visualizar que TBBT ainda não largou alguns antigos estereótipos negativos, muito presentes na segunda personagem citada. Apesar disso, a série apresenta constantemente argumentos e contra argumentos em relação a esses estereótipos, seja através de uma reação das cientistas a comentários preconceituosos, seja através da representação de outras cientistas inspiradoras na trama, o caso de Leslie.

Em geral, isso simboliza o caminho que as produções audiovisuais têm seguido na representação das cientistas: apesar de não largar velhas imagens negativas, os filmes e séries têm tido uma certa evolução quanto a inserção das habilidades científicas da mulher na trama. Algumas produções recentes depositam esperanças em um maior progresso. A série produzida pela Netflix *Sense8*, por exemplo, tem uma química e uma programadora protagonistas na história, já *Orphan Black* tem a personagem Cosima, cientista na área das ciências biológicas que também é essencial na resolução de problemas na linha principal da série.

Um direcionamento importante para um melhor futuro dessas representações é deixar de utilizar o mote de que a ciência é algo para meninas, ideia que acaba resultando em campanhas problemáticas para garotas no ensino médio⁹. É bem mais produtivo mostrar a ciência como um espaço de criatividade e de mudança do mundo, a partir de cientistas mulheres na ficção que sejam reconhecidas por seus trabalhos desenvolvidos, sem que haja uma redução dessas profissionais ao que a ativista

⁹ Exemplo: <https://www.theguardian.com/science/blog/2012/jun/29/science-girl-thing-viral-fiasco>

estadunidense Shirley Malcom diria ser "pessoas de gênero"¹⁰: ato que minimiza o poder dos discursos de suas pesquisas, por ser esperado que suas falas só recorram à carga do gênero que ela ali representa.

Assim, percebe-se que, desde o primeiro estereótipo da mulher na ficção científica, passiva e exibida em tubos de vidro, houve um longo caminho de progressos. E são essas novas produções da mídia que podem abrir espaço para mostrar a jovens que essa é uma carreira que elas podem se engajar. Se a estrutura literal do tubo já foi deixada de lado, os próximos desafios precisam transcender outras barreiras não literais, propondo personagens inspiradoras e valorizadas pela trama: “*If she can see it, she can be it*”¹¹, se ela vê isso, ela pode ser isso.

Referências

FLICKER, E. Between brains and breasts—women scientists in fiction film: on the marginalization and sexualization of scientific competence. **Public Understand of Science**, v. 12, p. 307–318, 2003. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0963662503123009>>. Acesso em: 7 jan. 2017

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MCINTOSH, H. Representations of Female Scientists in The Big Bang Theory. **Journal of Popular Film and Television**, v. 42, 2014. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01956051.2014.896779>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

MORIGI, V. Teoria social e comunicação: Representações sociais, produção de Sentidos e construção dos Imaginários midiáticos. **Revista E-compós**, v. 1, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/9/10>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Gender in Education Network in Asia. A toolkit for promoting gender equality in education**. Bangkok: UNESCO Bangkok, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001864/186495E.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.

¹⁰ Mais informações em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300007

¹¹ Termo cunhado por Geena Davis, atriz estadunidense fundadora do Instituto Geena Davis de Gênero na Mídia

STEINKE, J. et al. Male and Female Scientists in Television Programs Popular among Middle School-Age Children. **Science Communication**, v. 32, n. 3, p. 356–382, 2010. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/servlet/linkout?suffix=CIT0018&dbid=16&doi=10.1080%2F01956051.2014.896779&key=10.1177%2F1075547009357779>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

VALEK, A. **A ficção científica e a estranha tara por mulheres em tubos**. Disponível em: <<https://medium.com/@alinevalek/a-ficcao-cientifica-e-a-estranha-tara-por-mulheres-em-tubos-ec654884d7cf#.b9mcbbbk>> Acesso em: 3 dez. de 2016.

ZECHARIA, A. et al. **Through Both Eyes: The case for a gender lens in STEM**. Disponível em: <http://sciencegrrl.co.uk/assets/SCIENCE-GRRL-Stem-Report_FINAL_WEBLINKS-1.pdf>. Acesso em: 5 out. 2016.